

Contributo do futebol de 5 para o desenvolvimento do jovem futebolista

por Pedro Bezerra

1. Introdução

A pertinência da utilização de espaços reduzidos em jogo (futebol de 5 e de 7) nas etapas iniciais do desenvolvimento do jovem futebolista reúne consenso entre as diversas escolas de futebol. Esta ideia assenta essencialmente na necessidade de coadunar a estrutura do jogo às características morfo-fisiológicas e psicológicas da criança.

Por outro lado, mesmo no futebol mais adulto, os treinadores utilizam muitas vezes situações de 1x1, 2x2, 3x3,

5x5 e 7x7 como meio de treino para desenvolver/aprofundar aspectos técnicos e técnico-táticos e como forma de intensificar o exercício de treino e motivar os jogadores para o jogo. Nesta perspectiva, o objectivo principal do presente trabalho é perceber o jogo de futebol de 5 nos escalões mais jovens e contribuir para o suporte informativo necessário à definição de comportamentos apropriados. Conhecendo as componentes reais do jogo — velocidade, continuidade das acções, presença do adversário, modo de errar, ajuda proposta pelo companheiro,



OLIVEIRA, Amauri A.B. et al. (1988) Avaliação da formação recebida pelos profissionais graduados no curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. IN: Semana de Educação Física, 6, Maringá, Novembro, 1988. Anais, Universidade Estadual de Maringá.

OLIVER, Bernard. (1990) Defining competence: the case of teaching. *Journal of Teaching in Physical Education*, v. 9, n. 3, p. 184-188.

ONOFRE, Marcos Soares. (1995) Prioridades de formação didáctica em Educação Física. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, n. 12, p. 75-97.

O'SULLIVAN, Mary & TANNERHILL, Deborah. (1990) Teacher testing and implications for physical education. *Journal of Teaching in Physical Education*, v. 9, n. 3, p. 174-183.

PAEEL, Vanla L. & GROEN, Guy J. (1991) The general and specific nature of medical expertise: a critical look. IN: ERICSSON, K.A. & SMITH, J. (Org.) *Toward a general theory of expertise: prospects and limits*. New York: Cambridge University Press, p. 93-125.

PIRES, Ana Luísa O. (1994) Situações paradoxais no desenvolvimento das novas competências profissionais. IN: Estado actual da investigação em formação. Actas do Colóquio da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Maio, p. 197-207.

PIRES, Gustavo. (1995) *Desporto: planeamento e gestão de projectos*. Lisboa: Edições FMH.

POWELL, Andrew Camps. (1990) Salidas profesionales y situación jurídica del profesional de la actividad física. *Revista Aportada*, n. 20, p. 71-76.

RIOS, Terzintha Izabela. (1995) Ética e competência. São Paulo: Cortez.

SANTARELLA, Cristina M. (1992) La técnica de "planning net" para el análisis de la estructura y el contenido de la enseñanza. IN: GARCIA, Carlos M. (Org.) *La investigación sobre formación del profesorado: métodos de investigación y análisis de datos*. Buenos Aires: Editorial Cincel, p. 123-146.

SPENCE, Peter M. (1995) *La quinta disciplina*. Barcelona: Granica.

SILVA, Sheila A.P.S. (1996) Formação de professores de Educação Física: a dimensão humanística-interaccional. IN: Congresso Europeu da KHIPER - Active Living: From School to Community, 7, Coimbra, Abril, 1996. Anais, Universidade de Coimbra.

SILVERMAN, Stephen. (1991) Research on teaching in physical education. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, v. 62, n. 4, p. 352-364.

SULEMAN, Fátima. (1994) A emergência de perfis profissionais em Portugal. IN: Estado actual da investigação em formação. Actas do Colóquio da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Maio, p. 313-330.

TANI, Co. (1992) Estudo de Comportamento Motor. Educação Física Escolar e a preparação profissional em Educação Física. *Revista Paulista de Educação Física*, v. 6, n. 1, p. 62-66.

TEIXEIRA, Luís A. (1993) Estudo da motricidade humana como fonte de ordem para um tema científico, uma profissão e um componente do currículo escolar. *Revista Paulista de Educação Física*, v. 7, n. 1, p. 77-91.

THOMAS, Jerry R. & NELSON, Jack K. (1990) *Research methods in physical activity*, 2.ed. Champaign: Human Kinetics.

TOJAL, João Batista A.C. (1995) O mercado de trabalho profissional de Educação Física: um estudo das necessidades e possibilidades. IN: Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa. 5, Março, 1995. Anais, Universidade de Coimbra.

COMEZ, Benilde V. (1988) El rol del profesor de Educación Física en el Sistema Educativo Español: algunas reflexiones. IN: DURAN, E.; HERNANDEZ, J.L. & RUIZ, L.M. (Org.) *Humanismo y Nuevas Tecnologías en la Educación Física y el Deporte*. Madrid: INEJ/INEP, p. 437-440.

CROSSMAN, Pamela L. (1990) *The making of a teacher: teacher knowledge and teacher education*. New York: Teachers College Press.

HOUSNER, Lynn Dale. (1993) Selecting master teachers: evidence from process-product research. *Journal of Teaching in Physical Education*, v. 9, n. 3, p. 201-226.

JANUÁRIO, Carlos & MATIAS, Zélia. (1996) Identidade profissional em Educação Física e Desporto. *Revista Horizonte*, Lisboa, v. 12, n. 71, p. 163-167.

JUSTO, Cipriano. (1993) *Critérios consensuais da qualidade do desempenho dos cursos de saúde: metodologia da comparação da técnica Delphi com a opinião de informadores-chave da comunidade*. Tese de Doutoramento. Instituto de Ciências Biomédicas de Ibd Salazar - Universidade do Porto.

KNAACKFUSS, Cédina Bauha. (1988) *Competências definidoras do professor de Dança*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LUDKE, Merga & ANDRÉ, Mari E.D.A. (1986) *Pesquisas em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.

LOPES, Helena. (1994) O desenvolvimento das competências pela organização do trabalho. IN: Estado actual da investigação em formação. Actas do Colóquio da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Maio, p. 161-174.

MARCONI, Marina A. & MARATOS, Eva M. (1987) *Técnicas de Pesquisa*. 2.ed. São Paulo: Atlas.

MARIZ DE OLIVEIRA, José C. (1988) *Preparação profissional em Educação Física*. IN: FERNANDES, Solange C. (Org.) *Educação Física e esporte na universidade*. Brasília: MEC/SEED, p. 225-245.

MATOS, Zélia. (1993) Competência pedagógica do professor: conceito e componentes fundamentais. IN: BENTO, Jorge O. & MARQUES, António (Org.) *A ciência do desporto, a cultura e o homem*. Porto: Universidade do Porto / Câmara Municipal do Porto, p. 467-482.

MIRANDA, Maria L.J. (1994) A dança como conteúdo específico nos cursos de Educação Física e como área de estudo no ensino superior. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 3-13.

MITRANI, Alan et al. (1994) *Homens e competências: a gestão dos recursos humanos na Europa*. Lisboa: Zenit.

MUNARO, Claire M. (1985) Estudo descritivo do perfil do professor de Educação Física para o ensino de 1º e 2º graus. *Revista Kinesia*, v. 1, n. 1, p. 39-51.

MURRAY, William F. & JARJAN, Boyd O. (1987) Predicting future trends in adult fitness using the Delphi approach. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, v. 58, n. 2, p. 124-131.

NAJAS, Markus V. (1988) *O futuro da pós-graduação em Educação Física no Brasil: um estudo Delphi*. Relatório de Pesquisa. UFSC/CDSE/ME.

NAMO DE MELLO, Guiomar. (1987) *Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.

NARES, Severino Ferrnánz. (1993) *La Educación Física en el sistema educativo español: currículum y formación del profesorado*. Granada: Universidad de Granada.

por jogo), indicativa de uma participação activa do futebolista no jogo. A correlação entre as acções pertinentes com bola (pases com êxito mais remates) e o número de pases de bola é significativa ($p > 0.01$). O passe mais utilizado é de distância curta e trajectória baixa, com variações em função do resultado parcial do jogo. O remate mais eficaz é executado com o pé, tendo uma trajectória raso-ter-

ra. Entre o passe com êxito e o remate existe uma correlação significativa ($p > 0.05$), tal como entre o número de remates e número de golos obtidos ($p > 0.01$). Os dados demonstram a necessidade de desenvolver este tipo de jogos, pois em espaços reduzidos existem certos que a rede de comunicação a que o jogador se submete será articulada, de acordo com o esquema tático, com maior racionalidade e favorecerá a destreza e habilidades técnicas (Anzil, 1986: 123).

2. Metodologia

A partir da observação vídeo de 11 jogos, de 20 minutos cada, referentes ao Torneio de Abertura de Futebol de 5, escalão de iniciados e juvenis, organizado pela Coordenação do Desporto Escolar de Viana do Castelo no ano lectivo 1997/98, pretende-se identificar e qualificar os gestos técnicos passe e remate e respectivas variações ao longo do jogo.

Para a recolha e tratamento da informação foram utilizados uma câmara vídeo Sony handycam CGD-TR401E e um monitor TV/Vídeo Philips Superscreen 41 CR 8841.

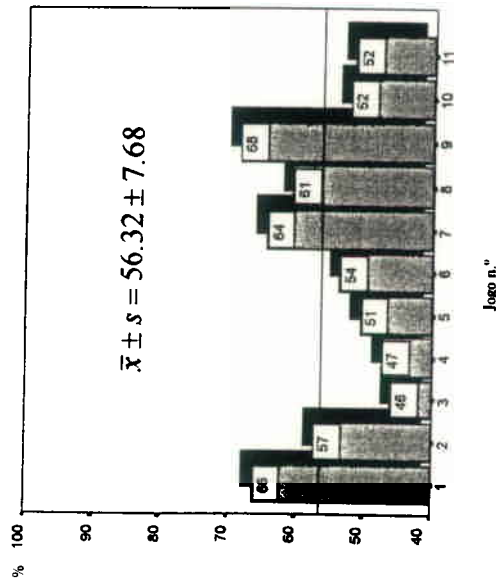
A grelha de registo elaborada para o efeito resulta da adaptação de sistemas de observação de futebol já desenvolvidos (Bezerra, 1995; Claudino, 1993; Castelo, 1992; Marella, 1990).

As variáveis consideradas neste estudo foram:

- Identificação da equipa;
- Resultado parcial (resultado no momento em que se regista a acção);
- Número do jogador que passa;
- Tipo de passe (pé, cabeça, outro);
- Trajectória do passe (alta, média, baixa);
- Direcção do passe (frente, atrás, lado, diagonal);
- Número do jogador que recebe;
- Número do jogador que remata;
- Trajectória do remate (alta, média, baixa);
- Direcção do remate (baliza e fora da baliza);
- Efeito do remate (golo e não golo).

Os dados, introduzidos na folha de cálculo do programa estatístico SPSS para Windows, foram tratados no sentido de detectar as possíveis correlações entre as diversas variáveis.

Figura 1
Tempo útil de jogo relativamente ao tempo total, por jogo (%).



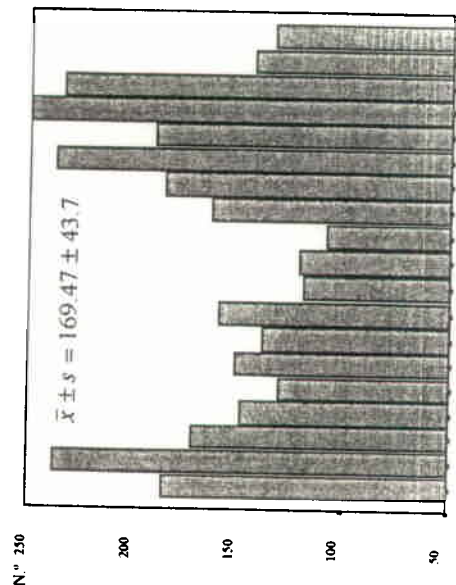
A quantificação do tempo disponível para jogar (tempo útil) considerada isoladamente é pouco informativa acerca do jogo. Esta informação, cruzada com o número de pases de bola por jogo ou jogador, pode caracterizar a partida, quer em termos de intensidade quer em termos de ritmo. No decorrer do jogo de futebol existe uma contínua procura do momento para a execução do próprio movimento e neutralização do movimento do adversário (...). A posse de bola, em função do resultado, desenvolve-se em acções de aceleração, de retardamento e mudanças de velocidade e ritmo (Anzil, 1986: 61).

Pacheco e Carvalho (1988) compararam um grupo de jogadores, do mesmo escalão etário, juvenis, em situação de jogo de futebol de 7 e 11. Encontraram maior número de contactos com bola no primeiro (entre 6+3 e 6+3 contactos com bola por jogo, por oposição a 531 e 540 contactos com bola no jogo de futebol de 11) quando compararam jogadores de diversas posições táticas, comuns às duas partidas. Segundo os mesmos autores, o maior número de contactos com a bola favorece o desenvolvimento técnico e motiva mais os jovens futebolistas. Estudos realizados no futebol de 11 indicam cerca de 452 acções com bola por equipa em cada jogo (Bezerra, 1995) e variações entre 42 e 64 acções com bola quando considerado o jogador individualmente (Bezerra, 1995; Castelo, 1994; Jalaga, 1986; Withers et al, 1982).

Nos dados agora recolhidos foram contabilizadas as pases de bola por equipa, por jogo (figura 2). A média encontrada (169) é inferior a qualquer dos estudos atrás referidos. Contudo, atendendo a que o tempo total dos jogos observados corresponde a metade do tempo de jogo no traba-

lho de Pacheco e Carvalho, os valores tendem a aproximar-se. Por outro lado, fazendo uma distribuição equitativa pelos jogadores de campo do valor médio para a equipa, verifica-se que cada jogador contacta cerca de 42 vezes com a bola. Este número é idêntico aos encontrados para o futebol de 11 e, considerando a diferença de tempo de jogo, aos encontrados para o futebol de 7 para o mesmo escalão etário.

Figura 2
Número de pases de bola por equipa, por jogo.



equipes

Sob outro ponto de análise, considerando que o jogador contacta com a bola 42 vezes e que o jogo teve a duração de 20 minutos, pode-se concluir que em termos temporais o futebolista entra em posse de bola uma vez a cada 28,50 segundos. Esta informação é indicativa da grande intensidade do jogo, da grande participação do jogador, indo ao encontro das conclusões de Pacheco e Carvalho.

Quadro 1

Coefficiente de correlação entre o número de pases de bola e o número de acções úteis (pases com êxito mais remates), por jogo

Coefficiente de Correlação de Pearson	827
Nível de significância	000
N.º de observações	18

O número de pases de bola encontra-se fortemente correlacionado ($p > 0.01$) com o número de acções úteis (quadro 1). Os valores, à partida evidentes, são indicativos da efectividade do jogo. O jogador não incrementa o número de pases de bola apenas com acções de neutralização das acções ofensivas do adversário mas, para além disso, ocupa-se com a continuidade e pertinência das suas acções.

3.1. O Passe

bol de 5 e portanto de um campo de

reduzidas dimensões relativamente aos outros casos.

A grande diferença encontrada entre os trabalhos realizados e o actual refere-se ao tipo de passe que o jogador executa. De facto, no presente caso a grande maioria dos passes (96,4% dos registos, de acordo com o quadro 2) são efectuados com o pé, sendo os restantes 3,6% distribuídos pelos passes «de cabeça» e «outros». Esta constatação revela uma desvantagem deste tipo de futebol, que de alguma forma será preciso compensar em termos de formação do jovem futebolista - a reduzida utilização da cabeça como gesto técnico para passar a bola ao colega.

Quadro 2

Tipo de passe realizado pelas equipas observadas.

Tipo de passe	Frequência	%
Pé	1365	96,4
Cabeça	38	2,7
Outro	13	0,9
Total	1416	100

Desagregando o tipo de passe segundo a sua trajectória e direcção, verifica-se que este, além de ser normalmente efectuado com o pé, assume na maior parte dos casos uma trajectória baixa com uma progressão da bola repartida por todas as direcções (quadro 3). A

Quadro 3

Caracterização do passe segundo a sua trajectória e direcção

Tipo	Trajectória	Direcção	% casos
Pé	Baixa	Lado	25,14
Pé	Baixa	Frente	23,59
Pé	Baixa	Diagonal	16,17
Pé	Baixa	Trás	15,96
Pé	Alta	Frente	4,10
Pé	Média	Frente	4,03
Pé	Média	Lado	1,77
Pé	Média	Diagonal	1,62
Pé	Alta	Diagonal	1,55
Pé	Alta	Lado	1,41
Cabeça	Alta	Frente	1,20

Empunhando, por um lado, o facto da trajectória da bola ser predominantemente baixa pode ser explicado pelas dimensões do campo, por outro lado, a variação de direcção explicada pelo resultado da partida no momento da execução técnica. Tendo em consideração este factor constatou-se o seguinte:

- em situação de empate o passe é predominantemente para o lado;
- em situação de desvantagem o passe é para o lado alternando com a diagonal;
- em situação de vantagem mínima o passe é predominantemente para a frente;
- em situação de vantagem por mais de 1 gol o passe é predominantemente na diagonal.

Dentro de uma equipa, os canais de comunicação estabelecidos são decisivos para o bom desenvolvimento do jogo. O passe, por excelência o meio de diálogo entre os jogadores, define a direcção e a intensidade dessa mesma comunicação. Nos jogos observados, constatou-se que em todas as equipas existem sempre dois jogadores que privilegiam o gesto técnico passivo entre si. Estes jogadores são normalmente importantes no desenvolvimento da dinâmica de jogo e estão sempre presentes nas fases decisivas da partida - último passe e remate.

3.2. O remate

Este gesto técnico é a acção técnica mais importante do jogo de futebol. É a acção conclusiva do processo ofensivo e aquela que permite atingir o objectivo do jogo - o gol.

Estudos realizados no futebol de 11 (Astelo, 1994) apontam para 26 re-

Quadro 4

Tipo e frequência de remates mais utilizados pelas equipas observadas.

Tipo de remate	Frequência	%
Pé	377	95,7
Cabeça	16	4,0
Outro	1	0,3
Total	394	100

matos e 2 a 3 golos por jogo. No futebol de 7, Pacheco e Carvalho (1988) encontraram cerca de 58 remates por partida. Numa análise comparativa entre adultos e infantis, Costa e Garganta (1996) indicam que o remate constitui 4% do total de acções com bola num jogo.

Na análise agora realizada o número médio de remates por jogo é de 39. Este valor situa-se entre os encontrados para o futebol de 11 e os do futebol de 7. Em relação ao futebol de 11, a diferença pode ser explicada pelo facto da sobredimensão do campo dificultar a execução do remate por jovens futebolistas. Relativamente ao futebol de 7, as dimensões do campo permitem um aumento das situações de finalização, embora surja outro tipo de dificuldades, nomeadamente a falta de espaço/tempo. Por outras palavras, se um campo de grandes dimensões torna difícil construir acções ofensivas com finalização, atendendo às características físicas do jovem, num campo de dimensões mais reduzidas, como o de futebol de 7, o espaço/tempo escassa dada a presença muito próxima do opositor. Relativamente à execução do remate, verifica-se que o tipo mais utilizado é o efectuado com o pé, com uma frequência acima dos 95% do total (quadro 4). Os remates de cabeça são praticamente inexistentes. Aqui, reside outra lacuna importante - remate de cabeça - que deve ser compensada e desenvolvida na formação do jovem.

É de referir ainda que cerca de 80% dos jogadores rematam à baliza. O remate foi também analisado segundo os factores direcção e trajectória (quadro 5). Verifica-se que cerca de 50% dos remates atingem o alvo - a baliza. A trajectória da bola é repartida pelas três categorias, sendo predominante o remate raso-terra.

Quadro 5

Caracterização do remate segundo a direcção e trajectória

Tipo	Direcção	Trajectória	%
Pé	Balza	Baixa	27,1
Pé	Fora da balza	Baixa	19,6
Pé	Balza	Média	16,8
Pé	Fora da balza	Alta	14,8
Pé	Fora da balza	Média	13,7
Pé	Balza	Alta	4,5
Cabeça	Fora da balza	Alta	2,0
Cabeça	Balza	Alta	1,5
Total			100

O remate e o passe com êxito, conjunto de acções pertinentes, estão correlacionados entre si (quadro 6). Com efeito, as equipas que detêm maior número de passes são aquelas que mais rematam. Esta evidência reforça a importância da equipa adquire uma boa técnica de passe como suporte para a construção de acções ofensivas que levem à finalização.

Quadro 6

Correlação entre o número de passes com sucesso e o número de remates, por equipa, por jogo

Coefficiente de Correlação de Pearson	.534
Nível de significância	.010
N.º de observações	22

Tendo-se constatado que o remate mais frequente é o efectuado com o pé e com trajectória baixa, vai-se agora estudar o remate com sucesso. Assim, considerando apenas os remates que terminam em gol, constata-se que o remate efectuado com o pé e de trajectória baixa é o mais eficaz (quadro 7).

Quadro 7

Caracterização do remate com êxito, segundo o tipo e a trajectória

Resultado do remate	Tipo	Trajectória	% casos
Golo	Pé	Baixa	59,38
Golo	Pé	Média	29,69
Golo	Pé	Alta	6,25
Golo	Cabeça	Alta	3,13

O sucesso do remate vai baixando à medida que a trajetória sobe. Isto pode ser explicado, não só pela maior dificuldade técnica na execução do remate raso-terra, mas também pelo facto de no futebol de 5 as balizas terem uma dimensão mais reduzida.

Quadro 8
Correlação entre o número de remates e o número de golos conseguidos por cada equipa, por jogo

Coefficiente Correlação Pearson	849
Nível de significância	000
N.º de observações	21

Associando as informações recolhidas pode-se constatar:

- O remate mais eficaz é efectuado com o pé e tem a trajetória baixa;
- A equipa cria tantas mais situações de remate quantos mais passes com êxito efectuar.

4. Conclusão

O jogo de futebol de 5 apresenta características favoráveis ao desenvolvimento do jovem futebolista. As dimensões do campo, o tamanho da bola e da baliza parecem ser mais adaptadas ao atleta alvo - o jovem. Os dados do presente estudo demonstram que em jogos deste tipo o jogador tem uma participação mais activa, comprovada pelo número médio de passes de bola (169±44 por equipa, por jogo de 20 minutos), e como tal joga com mais motivação. A elevada motivação do jogador é ainda alimentada pela relativa facilidade e frequência de acções de finalização ou de tentativa de finalização (39 remates por equipa, por jogo) que surgem ao longo da partida.

PEDRO BEZERRA
Mestre em Ciências do Desporto
Equiparando a Professor
Adjunto na Escola Superior de
Educação de Viana
do Castelo

5. Bibliografia

ANZIL, F. (1986) *Il calcio in numeri*. Doretti Editore, Udine

BEZERRA, P. (1995) «Análise do comportamento motor do jogador com bola no futebol - Estudo de uma equipa de alto rendimento no Mundial de sub-20». Tese de Mestrado em Ciências do Desporto, Porto: FGDDEF

CASTELO, J. (1994) *Futebol. Modelo técnico-táctico do jogo. Identificação e caracterização das grandes tendências evolutivas das equipas de rendimento superior*. Lisboa: FMIH

CASTELO, J. (1992) «Conceptualização de um modelo técnico-táctico de futebol - identificação e caracterização das tendências evolutivas do jogo das equipas de rendimento superior». Tese de Doutoramento. Lisboa: FMIH

CLAUDINO, R. (1993) «Observação em pedagogia do desporto - elaboração de um sistema de observação e sua aplicação pedagógica a jogos desportivos colectivos». Tese de Mestrado. Lisboa: FMIH

(CONSTAÇA, J. e CARVALHO, J. (1996) *Unhas curtas e algumas situações de futebol das crianças e dos adultos*. in Carlos Montinho e Dinaus Pinto Eds. Estudos (EJ) 1. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, pp. 61-62. Porto

MARELLA, M. (1990) *Un numero del calcio, poco più di cinquanta minuti di gioco effettivo*. *Notiziario settore tecnico*, 9/10. Sei/Ost. Firenze: FICG, pp. 39-42

PACHECO, R. e CARVALHO, J.M. (1988) «Estatística do futebol, futebol de 7 ou de 11». in Dossier Futebol, *Revista Horizonte*, vol. V, n.º 25, Maio-Junho, Lisboa

SENO, M. e BOURRELL, C. (1989) *Uffuare l'allenante*. Juvenilia Editrice, Bergamo

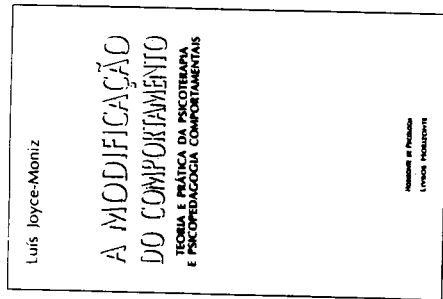
TWALKA, J. (1986) «Estatística desportiva». *Futebol em revista* 19, 4. série. Lisboa: FPF, 61-64

WEIN, H. (1989) *L'inssegnamento programmato nel calcio - un modello di sviluppo del giovane calciatore*. Edizioni Mediterranee, Roma

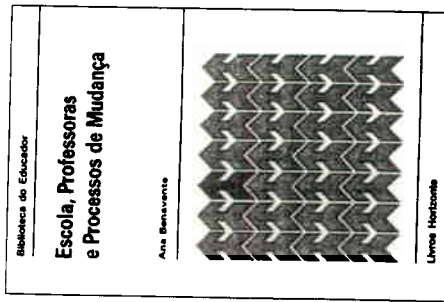
WITHELIS, R.T.; MARICIC, Z.; WASHLEWSKI, S.; KEILLY, L. (1982) «Match analyses of Australian professional soccer players». *Journal of Human Movement Studies*, 8, Outubro, 159-176

WRZOS, J. (1984) *Football - la tactique de l'attaque*. Ed. Boudouciens, Brakel

REEDIÇÕES



3.ª edição
A MODIFICAÇÃO DO COMPORTAMENTO
Luis Joyce-Moniz



2.ª edição
ESCOLA, PROFESSORAS E PROCESSOS DE MUDANÇA
Ana Benavente



7.ª edição
CESÁRIO VERDE
Joel Serrão



2.ª edição
PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Jorge Olímpio Bento

